

Porta-voz da Resistência Moçambicana afirma em Lisboa

«RENAMO e FRELIMO tiveram conversações directas»

O representante da Resistência Nacional Moçambicana para a Europa disse em Lisboa que cúpulas militares da FRELIMO e da RENAMO efectuaram recentemente conversações num país limítrofe de Moçambique. Defendendo que «o secretismo em torno da reunião não permite a divulgação dos resultados», o porta-voz da RENAMO afirmou que aquelas conversações se destinaram à «busca de uma solução a curto prazo para o problema de Moçambique».

Um «aviso a todos os estrangeiros e mormente aos portugueses para que abandonem Moçambique ou não vão para lá» foi feito pelo representante da RENAMO, Jorge Correia, dizendo que eles «não podem circular e serão considerados alvos militares em ataques a caminhos-de-ferro e estradas e podem ser vítimas da guerrilha urbana».

Uma «operação final para acabar com o regime da FRELIMO» foi anunciada para Setembro pelo representante da RENAMO, que disse que o seu movimento efectua desde o início deste mês e durante três ou quatro meses a operação «Cacimbo ardente», com 16 mil homens em acção permanente.

Desencadeada — segundo a RENAMO — em 10 províncias de Moçambique, a operação «Cacimbo ardente» destina-se «a apertar o cerco à capital do país e às capitais provinciais, à infiltração nos serviços militares da FRELIMO e à intensificação da guerrilha urbana».

O porta-voz para a Europa da Resistência de Moçambique disse, por outro lado, que o acordo de N'Komati com a África do Sul «obteve até agora um falhanço total, pois levou a um recrudescimento da actividade de guerra da RENAMO».

«Só com o aval da RENAMO haverá transporte de energia eléctrica de Cahora Bassa. As conversações dizem-nos respeito e nós defi-

niremos as condições, mas tem de haver contrapartidas de Portugal e da África do Sul para que deixemos passar a energia» — defendeu Jorge Correia aos jornalistas.

para a manutenção do «apartheid», quando, após a independência da Namíbia, a comunidade internacional voltar à carga» contra aquele sistema sul-africano.

Acusando a RAS de ingerência declarada nos assuntos internos de Moçambique pela declaração de «Maputo como porto natural sul-africano», Jorge Correia disse que Portugal «integra-se bem neste entendimento entre a RAS e Moçambique, pois visa o interesse de lá colocar emigrantes seus».

A recente remodelação governamental operada por Samora Machel foi considerada pelo elemento da RE-

«sobre a situação de guerra e o descontrolo da economia», o representante da RENAMO revelou que o seu movimento tem actualmente seis prisioneiros estrangeiros — um do Sri Lanka, dois soviéticos e mais três, cuja nacionalidade «preferiu não identificar, não negando nem confirmando que sejam portugueses».

Registe-se, entretanto, que a conferência de imprensa do representante da RENAMO foi interrompida quando decorria há cerca de meia hora, por elementos da Polícia de Segurança Pública, que depois exibiram uma



Segundo a RENAMO, cerca de 16 mil homens estão em acção permanente em todo o território moçambicano.

Apelidando a FRELIMO de «Governo vassalo da RAS» e o presidente moçambicano, Samora Machel, de «lacaio dos sul-africanos», o representante da RENAMO defendeu que a RAS «prepara com a dependência de segurança e económica de Moçambique um apoio futuro

NAMO de «rude golpe da ala esquerda da FRELIMO, que criticou — segundo disse — o acordo de N'Komati e, juntamente com a URSS, já deu provas de querer um entendimento com a RENAMO».

Após realçar «o realismo» da recente carta pastoral do episcopado moçambicano,

fotocópia de um despacho do comandante da Polícia de Lisboa, ordenando, «após comunicação verbal do Ministério da Administração Interna», o «impedimento» da conferência de imprensa de «elementos contrários à República Popular de Moçambique».